

DISTOPIAS NO ENSINO MÉDIO: RELATO DE EXPERIÊNCIAS COM CLUBE DE LEITURA E PRODUÇÃO DE ZINES

DYSTOPIAS IN HIGH SCHOOL: REPORT OF EXPERIENCES WITH A READING CLUB AND ZINE PRODUCTION

Luiz Felipe Voss Spinelli¹
Ana Carolina de Andrade Vieira²
Samira Nogueira Brayer³

RESUMO

O presente artigo apresenta o relato de duas experiências pedagógicas realizadas com estudantes do ensino médio, tendo como eixo central o trabalho com o subgênero literário distopia. As iniciativas foram desenvolvidas na Escola SESI Eraldo Giacobbe, em Pelotas-RS, e buscaram promover o hábito da leitura, a reflexão crítica e a produção de escrita criativa, utilizando a literatura como ferramenta para esse processo. O primeiro projeto, intitulado “Apocalípticos e Integrados: um clube de leitura de distopias”, consistiu na criação de um clube do livro com foco na leitura e discussão de obras distópicas clássicas. Realizado de forma online ao longo do ano de 2021, durante a pandemia de COVID-19, o clube promoveu encontros regulares que incentivaram o pensamento crítico, utilizando a literatura distópica para refletir sobre questões sociais importantes. O segundo projeto, “Zine Distópico: instigando reflexões sociais por meio de textos distópicos”, está sendo desenvolvido desde 2023 e busca fomentar a produção artística trabalhando com a temática das distopias. A partir de discussões teóricas sobre obras distópicas, os participantes criam zines nos quais compartilham suas criações literárias e artísticas. O presente artigo relata as metodologias utilizadas, os desafios enfrentados e os resultados alcançados com os projetos, destacando como o trabalho com distopias contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e pensamento crítico nos estudantes, destacando o papel da literatura como ferramenta pedagógica para conectar os jovens a questões sociais e culturais, promovendo um ensino mais significativo e transformador.

Palavras-chave: distopia, literatura, clube do livro, zine.

ABSTRACT

¹ Doutor em Letras, História da Literatura, pela Universidade Federal de Rio Grande – FURG, Pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas – UFPel. Professor de Língua Portuguesa e Literatura da Escola SESI de Ensino Médio Eraldo Giacobbe. E-mail: luizyoung@yahoo.com.br

² Estudante da graduação do curso de Letras Português - Inglês da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. E-mail: anac.vieira086@gmail.com

³ Estudante da graduação do curso de Letras Português - Inglês da Universidade Federal de Pelotas - UFPel. E-mail: samirabrayer42@gmail.com

This article presents the account of two pedagogical experiences conducted with high school students, focusing on the literary subgenre of dystopia. The initiatives were developed at SESI Eraldo Giacobbe School, in Pelotas-RS, Brazil, and aimed to promote reading habits, critical reflection, and creative writing production, using literature as a tool for this process. The first project, titled “Apocalyptic and Integrated: A Dystopian Reading Club,” involved the creation of a book club centered on reading and discussing classic dystopian works. Conducted online throughout 2021 during the COVID-19 pandemic, the club held regular meetings that encouraged critical thinking, using dystopian literature to reflect on important social issues. The second project, “Dystopian Zine: Sparking Social Reflections through Dystopian Texts,” has been in development since 2023 and seeks to foster artistic production by working with dystopian themes. Based on theoretical discussions about dystopian works, participants create zines in which they share their literary and artistic creations. This article reports on the methodologies used, the challenges faced, and the results achieved with these projects, highlighting how working with dystopias contributed to the development of students' reading, writing, and critical thinking skills. It also emphasizes the role of literature as a pedagogical tool to connect young people to social and cultural issues, promoting more meaningful and transformative education.

Keywords: dystopia, literature, book club, zine.

Considerações iniciais

O presente artigo tem como objetivo compartilhar o relato de duas experiências pedagógicas com literatura distópica no âmbito do ensino médio, colocadas em prática na Escola SESI de Ensino Médio Eraldo Giacobbe, de Pelotas-RS, por meio dos projetos “Apocalípticos e Integrados: um clube de leitura de distopias”, realizado em 2021, e “Zine Distópico: instigando reflexões sociais por meio de textos distópicos”, em atividade desde 2023. Os dois projetos estabeleceram relações com a Universidade Federal de Pelotas (UFPel) para o aprofundamento nas pesquisas relacionadas à distopias, com os estudantes do ensino médio participando dos encontros de debate do grupo de pesquisa do projeto “O mundo que (des)conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas”.

Os impactos dessas iniciativas foram significativos tanto para os participantes diretos dos projetos quanto para a escola como um todo. Os estudantes que integraram o clube de leitura e o projeto de zines demonstraram um aumento notável no engajamento com a literatura, evidenciado pela participação ativa nos debates, pela qualidade das reflexões apresentadas em atividades escolares e pela produção textual e artística gerada. Além disso, observou-se uma maior conscientização sobre questões sociais e

políticas, fruto das discussões críticas propiciadas pelas obras distópicas. Para os demais estudantes da escola, os projetos serviram como um estímulo indireto, despertando interesse pela leitura e pela escrita criativa, além de promover um ambiente escolar mais dinâmico e conectado com temas contemporâneos. A adoção de metodologias participativas, como os clubes de leitura e a produção de zines, mostrou-se essencial para aproximar os jovens da literatura, transformando-a em uma experiência coletiva e significativa. Essas práticas, alinhadas à pedagogia de projetos, permitiram que os estudantes assumissem um papel ativo em seu processo de aprendizagem, desenvolvendo não apenas habilidades literárias, mas também capacidades críticas, criativas e colaborativas. Dessa forma, os projetos reforçam a importância de estratégias pedagógicas que valorizem a participação e a autonomia dos alunos, contribuindo para uma educação mais engajada e transformadora.

A pedagogia de projetos, base teórica que sustenta essas iniciativas e utilizada nas escolas SESI do estado do Rio Grande do Sul, configura-se como uma abordagem educacional que prioriza a aprendizagem ativa e contextualizada, em que os estudantes são protagonistas no processo de construção do conhecimento. Essa metodologia tem suas raízes nos Estados Unidos do século passado, a partir das ideias de John Dewey, para quem “educação é um processo de vida e não uma preparação para a vida futura e a escola deve representar a vida presente tão real e vital para o aluno como a que ele vive em casa, no bairro ou no pátio” (Dewey, 1897). É uma metodologia baseada em pesquisa com processos colaborativos, na solução de problemas e na criação de projetos interdisciplinares. Logo, o problema a ser enfrentado — e, tanto na escola quanto nos projetos relatados no presente artigo, os estudantes trabalham a partir de situações-problema — deve ser significativo e ter uma conexão direta com a realidade dos alunos, evitando-se a simples reprodução de conteúdos preestabelecidos. Assim, as situações-problema que geraram os projetos relatados são intrinsecamente ligadas ao contexto sociocultural em que os estudantes estão inseridos, incentivando-os a elaborar respostas que sejam não apenas pessoais, mas também criativas, refletindo suas experiências e visões de mundo, em um trabalho que segue as bases da pedagogia de projetos.

Dessa forma, o ensino não se limita à transmissão de conteúdos, mas busca integrar teoria e prática, promovendo a investigação, a colaboração e a resolução de

problemas. No contexto dos projetos desenvolvidos, essa metodologia permitiu que os estudantes explorassem as distopias - temática muito presente na cultura juvenil, o que é valorizado na escola - não apenas como objetos de estudo literário, mas como ferramentas para compreender e questionar o mundo ao seu redor. Ao participar de atividades como a leitura compartilhada, a discussão crítica e a criação de zines, os estudantes foram incentivados a estabelecer conexões entre as obras literárias e suas realidades, desenvolvendo habilidades que transcendem o âmbito acadêmico, como a capacidade de argumentação, a criatividade e o pensamento autônomo. Dessa forma, a pedagogia de projetos mostrou-se fundamental para transformar a escola em um espaço de diálogo, experimentação e construção coletiva, reforçando o potencial da literatura como instrumento de formação cidadã e crítica.

Essa perspectiva pedagógica, centrada na participação e na autonomia dos estudantes, reforça a importância da literatura como um direito fundamental, conforme defendido por Antonio Candido em seu ensaio *O direito à literatura*, publicado pela primeira vez em 1989. Para o crítico:

[...] a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é negar nossa humanidade (Cândido, 2004, p. 186).

Nesse sentido, a escola assume um papel crucial como mediadora desse direito, cabendo a ela não apenas fornecer acesso aos textos literários, mas também criar condições para que os estudantes se apropriem deles de forma significativa e transformadora. Portanto, aulas de literatura que considerem o que propõe Antonio Candido devem ressaltar que o acesso à leitura é tão essencial quanto outros direitos básicos, como alimentação e saúde, pois, como afirma o autor, “uma sociedade justa pressupõe o respeito aos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (Cândido, 2004, p. 191). Os dois projetos envolvidos no presente relato partiram desse princípio para garantir que os estudantes não apenas lessem obras distópicas, mas também as vivenciassem como ferramentas de reflexão e transformação, consolidando a literatura como um espaço de humanização e diálogo com o mundo.

Distopias no ensino médio como ferramenta para letramento literário

A leitura e o ensino da literatura no ensino médio, conforme proposto por Rildo Cosson, devem ser entendidos como processos que visam ao letramento literário, ou seja, à formação de leitores capazes de interagir com os textos de maneira crítica, reflexiva e autônoma. Para Cosson (2006), o letramento literário não se restringe à simples decodificação de palavras ou à memorização de obras canônicas; ele envolve a imersão do leitor em um universo de significados, possibilitando a construção de sentidos e a apreciação estética. Nesse sentido, a literatura assume um papel transformador, contribuindo para a formação de indivíduos mais conscientes e engajados com o mundo ao seu redor.

O conceito de letramento literário, portanto, vai além da leitura funcional, englobando a capacidade de interpretação, análise e apreciação de diferentes formas narrativas, conferindo à literatura o papel de “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (Cosson, 2006, p. 17). A distopia, nesse contexto, destaca-se como um gênero que não apenas entretém, mas também provoca reflexões profundas sobre questões políticas, sociais e ambientais, oferecendo um espelho crítico das realidades contemporâneas. Seu caráter especulativo e suas narrativas, muitas vezes ambientadas em futuros distantes ou em realidades alternativas, permitem explorar criticamente os impactos do autoritarismo, das desigualdades sociais e das consequências da ação humana sobre o planeta.

Cosson reforça, ainda, a importância da escola nesse processo, apontando que “o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar” (Souza; Cosson, 2011, p. 102). Assim, ler na escola não pode se limitar à decodificação de palavras; é necessário explorar a literatura de forma a engajar os estudantes em um diálogo crítico com o texto. Para isso, a utilização de distopias aparece como uma boa estratégia no processo de formação de leitores, visto que são obras que apresentam tramas complexas e representações de sociedades deterioradas, o que oferece uma oportunidade singular para um diálogo crítico com o texto. Ao se deparar com cenários distópicos, os leitores são convidados a questionar o

presente, refletir sobre o futuro e, sobretudo, a desenvolver uma postura crítica em relação às narrativas que consomem e ao mundo em que habitam.

A leitura de distopias no ensino médio também se relaciona com a concepção de educação crítica proposta por Paulo Freire. Para o educador e filósofo brasileiro, o ato de ler o mundo precede o ato de ler a palavra. Logo, uma escola de ensino médio deve possibilitar a compreensão crítica da realidade para transformá-la. Ao apresentar sociedades opressivas e cenários de injustiça, as narrativas distópicas oferecem aos estudantes a oportunidade de problematizar o presente e reconhecer os mecanismos de dominação e resistência que atravessam a história. Assim, a leitura dessas obras não se limita à fruição estética, mas se insere em um processo de conscientização, no qual os alunos exercitam sua capacidade de interpretação e intervenção na realidade, em uma formação em sintonia com as ideias de Paulo Freire, de “pessoas críticas, de raciocínio rápido, com sentido de risco, curiosas, indagadoras” (Freire, 2000, p.45).

A educação, para Paulo Freire, deve ser um ato dialógico e emancipador, no qual o estudante não é um mero receptor passivo de informações, mas um sujeito ativo na construção do conhecimento. Uma educação bancária, mais tradicional, que deposita conteúdos prontos sem estimular a reflexão, não funciona para formar cidadãos críticos e contrasta com a educação problematizadora, que incentiva o questionamento e a participação crítica na realidade. Em *Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor*, Paulo Freire fala sobre o vínculo entre leitura da palavra e leitura da realidade e como a escola pode ser utilizada para reproduzir e manter a ideologia e a ordem vigente, apontando que sem consciência crítica é impossível que estudantes possam alterar as suas realidades, servindo aos interesses das classes dominantes e mantendo a sociedade sem transformações, reificando os estudantes. Para Freire:

O domínio escolar das palavras só quer que os alunos descrevam as coisas, não que as compreendam. Assim, quanto mais se distingue descrição de compreensão, mais se controla a consciência dos alunos. Eles são mantidos só no nível superficial da realidade e não vão além, não chegam a uma compreensão crítica profunda sobre o que torna a sua realidade o que ela é. Esse tipo de consciência crítica dos alunos seria um desafio ideológico à classe dominante. Quanto mais essa dicotomia entre ler palavras e ler a realidade se exerce na escola, mais nos convencemos de que nossa tarefa, na escola ou na faculdade, é apenas trabalhar com conceitos, apenas trabalhar com textos que falam sobre conceitos. Porém, na medida em que estamos sendo treinados numa vigorosa dicotomia entre o mundo das palavras e o mundo real,

trabalhar com conceitos escritos num texto significa obrigatoriamente dicotomizar o texto do contexto. E então nos tornarmos, cada vez mais, especialistas em ler palavras, sem nos preocupar em vincular a leitura com uma melhor compreensão do mundo. Em última análise, distinguimos o contexto teórico do contexto concreto. Uma pedagogia dicotomizada como essa diminui o poder do estudo intelectual de ajudar na transformação da realidade (Freire, 1997, p.165).

Nesse contexto, a leitura de distopias no ensino médio pode servir como uma ferramenta poderosa para uma formação crítica dos estudantes, pois os desafia a analisarem criticamente as estruturas de poder, a identificarem discursos de opressão e a refletirem sobre a possibilidade de transformação social. Ao se depararem com narrativas que exageram contradições do presente, os estudantes são instigados a desenvolver uma consciência mais crítica sobre seu próprio papel no mundo, rompendo com uma visão passiva da realidade e fortalecendo sua capacidade de agência.

Diante do potencial da literatura como ferramenta para o letramento literário e para a educação crítica, torna-se essencial compreender os elementos que compõem o gênero distópico e o motivo pelo qual ele se mostra tão relevante no contexto escolar. Ao apresentar narrativas com sociedades marcadas por desigualdades extremas, controle autoritário e/ou colapsos ambientais, entre outras possibilidades negativas, as distopias oferecem um campo fértil para discussões sobre os problemas estruturais da própria sociedade contemporânea. Para aprofundar essa abordagem, é necessário, portanto, estabelecer um conceito de distopia que permita entender suas especificidades e seu papel dentro das práticas de ensino. Em *A jornada do anti-herói no romance distópico contemporâneo ou O Prometeu pós-moderno*, um dos autores do presente artigo, Luiz Espinelly, conceituou distopia como: “romances ambientados em sociedades imaginadas, distintas da nossa, no futuro ou em um presente alternativo, em que os problemas da sociedade contemporânea são criticados através de seu exagero” (Spinelli, 2024, p. 67). Tal conceito foi produzido a partir da leitura de autores como M. Keith Booker, que em *Dystopian literature: A theory and research guide* (1994) indica uma relação entre distopia e crítica à sociedade contemporânea: “a literatura distópica genericamente se constitui também como crítica às condições sociais ou sistemas políticos existentes” (Booker, 1994, p. 3), e Rudinei Kopp, pesquisador brasileiro, que também percebe tal relação: “as distopias são, portanto, formas para criticar, através da exacerbação, os regimes e modos vigentes” (Kopp, 2011, p. 58).

Todavia, a realidade atual já apresenta tantos problemas sociais exacerbados que já não é preciso projetar *como seria*. Para os indígenas da América Latina, por exemplo, o processo de colonização foi uma distopia que ocorreu séculos atrás. É, portanto, desnecessário imaginar as consequências de crises climáticas provocadas por décadas de crimes ambientais ou os impactos da perseguição política a educadores, artistas e trabalhadores por parte de movimentos político-religiosos de extrema-direita, por exemplo, visto que são elementos que já ocorrem na sociedade contemporânea. Esse cenário evidencia a necessidade de uma atualização do conceito de distopia, ampliando sua perspectiva para contemplar os efeitos do capitalismo na ação humana sobre o planeta. Fenômenos como enchentes, secas, deslizamentos e ondas de calor não são tragédias aleatórias, mas resultados diretos da exploração humana sob a lógica capitalista. Assim, neste trabalho compreendemos a distopia como uma narrativa que revela as consequências do capitalismo na sociedade contemporânea, permitindo reflexões sobre seus impactos e sobre a dificuldade de imaginar alternativas a esse sistema.

Nesse cenário, a escolha das distopias como temática para projetos de leitura no ensino médio dialoga diretamente com a cultura juvenil e com as experiências vividas pelos estudantes. A pandemia de covid-19 e as enchentes que assolaram o estado do Rio Grande do Sul em 2024 são dois momentos que marcaram profundamente os estudantes, evidenciando que muitas das crises retratadas nas narrativas distópicas já fazem parte do cotidiano. Além disso, as distopias estão fortemente presentes no imaginário juvenil por meio de jogos, séries, *animes* e outras formas de mídia, o que amplia seu potencial de engajamento na escola. No entanto, apesar dessa presença midiática e do crescente reconhecimento do subgênero, muitos jovens ainda não desenvolvem o interesse pela leitura nem têm acesso a tais obras. Esse cenário se agrava diante dos déficits de leitura no Brasil, evidenciados pela pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” (2020), que aponta que no momento do estudo 48% da população brasileira era de não-leitores, o que representa cerca de 93 milhões de pessoas.

Em um contexto mais específico, uma pesquisa realizada na escola SESI Eraldo Giacobbe, em 2021, com o objetivo de identificar o público-alvo do projeto “Clube de Leitura Apocalípticos e Integrados”, foi elaborado um formulário, que posteriormente foi encaminhado a todos estudantes da escola, obtendo o total de 110 respostas - cerca

de 66,2% do total de alunos. A pesquisa revelou que apenas 27% dos estudantes tinham o hábito da leitura, embora mais de 85% manifestassem o desejo de ler mais no dia a dia. Das 110 respostas, apenas 34,5% das pessoas sabiam o que eram livros distópicos ou haviam feito a leitura de um livro desse gênero. Além disso, 31,8% deles fizeram indicações ou comentaram sobre as leituras distópicas que já haviam feito anteriormente. Diante desse panorama, a introdução das distopias no ambiente escolar surge como uma estratégia significativa para fomentar o letramento literário, conectando a literatura aos interesses e vivências dos alunos. A seguir, serão apresentados dois relatos de projetos desenvolvidos com esse foco.

Projeto “Apocalípticos e Integrados: um clube de leitura de distopias”

O clube de leitura “Apocalípticos e Integrados” teve sua vigência em 2021, ano amplamente marcado pela pandemia do COVID-19, que exigia o afastamento social, motivo pelo qual os encontros de discussões acerca das leituras foram feitos remotamente, por meio de plataformas como o Microsoft Teams e o Google Meet. A decisão de fazer os encontros online, apesar de não ter sido uma escolha de fato, se mostrou proveitosa, visto a assiduidade de alguns participantes do grupo, que tinham o livre arbítrio de acessar e participar das discussões de onde estivessem.

O grupo, composto pelas estudantes Eduarda Lopes dos Santos, Julia Cardozo Corrêa e Samira Nogueira Brayer, e orientado pelos professores Luiz Felipe Voss Espinelly e Gabriela Tornquist Mazzaferro, contou com a leitura de três obras distópicas clássicas, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, *1984*, de George Orwell, e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, além do filme *Mad Max: Estrada da Fúria* (2015). Cada obra foi escolhida visando um objetivo, a primeira por ser menor em extensão e um bom introdutório ao mundo das distopias, a segunda por ser inevitável a discussão do gênero em pauta sem a leitura dessa obra e a terceira foi escolha dos participantes do clube por meio de uma enquête feita via rede social do projeto, na plataforma *Instagram*. Já a discussão sobre o filme foi uma participação com uma sessão de cinema em um evento acadêmico na escola, a Semana de Arte e Literatura.

Os encontros foram arquitetados de forma que houvesse duas reuniões para cada livro, uma delas na metade da leitura, dando tempo para que os participantes lessem em seus próprios ritmos e ainda conseguissem finalizar a leitura para a discussão. Para

guiar as reuniões, perguntas que objetivavam acessar as interpretações individuais e coletivas eram elaboradas previamente, fazendo os leitores participarem mais ativamente e colaborarem com as discussões.

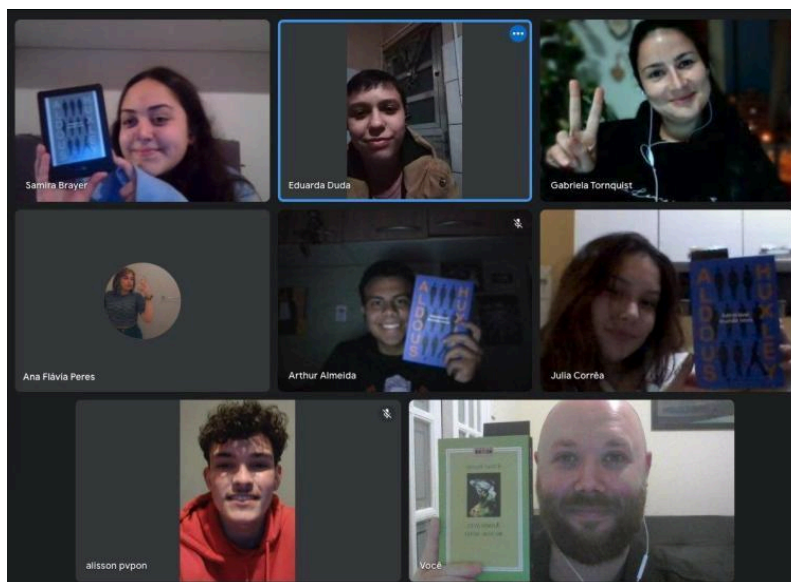


Figura 01: Discussão do romance *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. Acervo próprio.

Ao total, o clube esteve ativo por cerca de sete meses e contou com a presença de mais de 30 estudantes, que conseguiram aumentar suas rotinas de leitura e exercitaram seu pensamento crítico por meio das discussões. Dessa forma, evidencia-se a influência que o grupo teve dentro da escola, cumprindo seu principal objetivo de combater a escassez da leitura, ao mesmo tempo em que abordava questões importantes para o momento apocalíptico vivido na época, e que se vive até hoje, que não poderia ser melhor ilustrado do que na discussão de distopias.



Figura 02: Discussão do filme *Mad Max: Estrada da Fúria*. Acervo próprio.

É importante ressaltar que os participantes do grupo, após o ensino médio, decidiram cursar diversas graduações diferentes, salientando que o contato com a literatura na escola não tem influência apenas para as áreas de humanas e linguagens, mas sim para as mais distintas áreas do conhecimento, pois como afirma Rildo Cosson (2006, p. 27), “A literatura serve tanto para ensinar a ler e escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo”.

Projeto “Zine Distópico: instigando reflexões sociais por meio de textos distópicos”

O projeto “Zine Distópico: instigando reflexões sociais por meio de textos distópicos” teve seu início no segundo semestre de 2023, surgindo das experiências e aprendizados compreendidos pelos estudantes pesquisadores ao tentarem continuar com o projeto do clube de leitura “Apocalípticos e Integrados”. Após a realização de encontros ao longo do ano de 2022 para o debate de obras distópicas, como *Revolução dos Bichos* e *1984*, de George Orwell, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, e *Alice no país das armadilhas*, de Mainak Dhar, os estudantes perceberam que a falta de conhecimento sobre distopias levava a comunidade escolar, que havia recém saído de um contexto de pandemia, a não ter o mesmo interesse que no projeto anterior. Além disso, as reuniões presenciais competiam com outras atividades da escola e oficinas, que no ambiente remoto não eram realizadas, e foram menos frequentadas - possivelmente um reflexo da experiência traumática que foi a pandemia do COVID-19. A hipótese que levantamos, a

partir das vivências com os dois projetos, é a de que reuniões remotas funcionam melhor no contexto dos estudantes envolvidos, tanto no período pandêmico como pós-pandêmico.

Essa experiência inicial, no entanto, serviu de base para a proposição de um canal de fácil acesso para difundir o conceito de distopia e textos diversos sobre a temática para incentivar reflexões sobre assuntos sociais importantes. Os estudantes encontraram nos zines um meio democrático de difundir o conceito de distopias, bem como obras pertencentes ao gênero. O formato zine foi escolhido por proporcionar uma maior liberdade de expressão e dinamicidade da comunicação, traços esses característicos do gênero, que por ser produzido e publicado de forma independente acaba facilitando sua produção.

O grupo do projeto “Zine Distópico” nos anos de 2023 e 2024 foi composto pelos estudantes Ana Carolina de Andrade Vieira, Evelyn Laviny Ferreira Araújo, Janaína Carvalhal de Ávila e Nicolas Moraes Beleia, agora já formados no ensino médio, e Analucy Otero Goulart, Beatriz Tavares Thumé, Gustavo Polino Gomes Gonçalves, Isabela Hentges Carle, Isabela Silva de Sousa, Maria Fernanda Rocha Dias, Maria Luiza Levien Zanini, Maria Milene Correa Ribeiro e Yohanna Steinle, que ainda estão no ensino médio. O impacto das edições produzidas foi positivo tanto para os estudantes que participaram quanto para os colegas de escola, que tiveram acesso aos zines. A participação no projeto incentivou a escrita criativa e colaborativa e auxiliou na formação de leitores, fazendo circular textos produzidos na escola, que dessa forma não se configuraram como apenas exercícios de aulas de Língua Portuguesa e Literatura, mas como arte que circula e é lida.



Figura 03: Reunião do grupo para a montagem da capa da primeira edição do zine.

Vivendo em uma era extremamente tecnológica, a equipe decidiu realizar publicações de seus conteúdos em plataformas digitais, optando assim pela montagem de um e-zine, para expandir ainda mais o alcance do seu trabalho. Para a produção do zine e e-zine, o grupo recebeu a colaboração de outros estudantes e de colaboradores externos ao ambiente escolar. O grupo também utilizou da técnica de colagem para criar a identidade visual do projeto, que se relaciona muito com a imagem tradicional de um zine.



Figura 04: Capa da primeira edição do zine.

Durante o tempo de existência do projeto, o grupo produziu três zines, disponíveis na plataforma digital de publicação de documentos *Issuu*, no endereço <https://issuu.com/zineavc>. Em 2023 foi lançada a primeira edição do zine AVC, sobre distopias clássicas. Em 2024 o projeto produziu um zine sobre distopias contemporâneas e o terceiro zine com temática cyberpunk.

Considerações finais

Ao longo deste artigo buscou-se apresentar e refletir sobre duas experiências psicológicas desenvolvidas na Escola SESI de Ensino Médio Eraldo Giacobbe, de Pelotas-RS, tendo como eixo central o trabalho com literatura do subgênero distópico. A partir da pedagogia de projetos e de metodologias participativas, com pedagogia crítica, como no clube do livro e na produção de zines, foi possível observar um impacto significativo no engajamento dos estudantes com a literatura - não apenas do gênero distópico - bem como no desenvolvimento de competências e habilidades de leitura, pensamento crítico e expressão escrita. Os projetos “Apocalípticos e Integrados: um clube de leitura de distopias” e “Zine Distópico: instigando reflexões sociais por meio de textos distópicos” não apenas ampliaram o repertório literário e de referências socioculturais dos estudantes, mas também os incentivaram a estabelecer conexões entre a literatura distópica e suas realidades, promovendo reflexões profundas sobre questões sociais, políticas e ambientais. A seguir, apresentamos depoimentos de estudantes que participaram de ações dos projetos e ilustram como essas experiências contribuíram para sua formação como leitores e cidadãos mais conscientes e críticos.

O estudante Arthur Nizolli, que cursou o ensino médio na Escola SESI de Ensino Médio Eraldo Giacobbe entre os anos de 2021 e 2023 e hoje cursa Direito na UFPel. Enquanto estava na escola, foi um participante ativo do grupo de leitura e ao ser perguntado sobre a influência que o projeto teve em sua trajetória, relatou que foi quando teve seu primeiro contato com obras mais complexas e com o gênero das distopias, cujas quais, atualmente, ele continua a ler e procurar sobre. Menciona ainda que, por estabelecer a leitura como um hábito, ele, hoje, consegue se concentrar melhor na faculdade, seja na escrita de artigos ou em estudos para avaliações.

Além disso, o estudante relata que o formato conjunto e periódico das reuniões estimulou sua persistência na leitura, fortalecendo seu desejo de ler e compartilhar suas impressões com os colegas. Ele declara que, hoje em dia, em razão dessa experiência, mantém “a leitura quase como um hábito sagrado”.

Por conseguinte, Samira Brayer, uma das coautoras deste artigo e integrante do clube de leitura de distopias, reconhece o impacto que a leitura crítica e a experiência de criação de projetos desde o ensino médio tiveram em sua trajetória. Motivada por continuar incentivando essa paixão pela literatura e pelo ensino, optou por cursar Letras – Português e Inglês na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Seu vínculo com a instituição já existia anteriormente, por meio do grupo de pesquisas do projeto “O mundo que (des)conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas”, alinhado à mesma área de estudos, o que a proporcionou uma maior integração ao ambiente acadêmico, como se já tivesse um pé dentro da universidade. O que ela sente hoje, como professora em formação, é a gratidão por saber que conseguiu incentivar um hábito tão perdido entre os adolescentes atualmente, vendo que seus colegas, genuinamente, adquiriram a leitura e levaram um pouco do grupo consigo em suas próprias trajetórias.

Já a estudante Yohanna Steinle, que integra a equipe do “Zine Distópico” e ajudará a dar sequência ao projeto, relata que “por conta do Zine AVC, me considero uma leitora melhor, sei o que é distopia e um Zine, inclusive apresentei os conceitos inúmeras vezes para pessoas que assim como eu, não os conheciam”. Yohanna também destaca a importância do projeto para sua formação como leitora: “o projeto é fundamental para a expansão do meu hábito de leitura. Já que me apresenta a autores, universos, estilos de escrita e críticas que eu não conhecia e talvez não fosse conhecer sem ele”. A aluna ainda indica a importância da parceria do projeto com a academia, já que participa de encontros online do grupo de pesquisa “O mundo que (des)conhecemos: examinando as distopias pós-modernas nas literaturas anglófonas contemporâneas”, da UFPel: “Nesse espaço, posso aprender e debater sobre obras literárias com pessoas únicas e ouvir suas perspectivas e conhecimentos sobre o assunto”.

Além disso, Yohanna complementa seu depoimento reforçando a importância do projeto em seu percurso escolar:

Participar do Zine AVC é um dos meus maiores privilégios no ensino médio. Ser chamada para ajudar a desenvolver o projeto desde o início, ter a oportunidade de participar do grupo de pesquisa da UFPel, conhecer pessoas que estudam distopias, poder escrever e dar minha opinião sobre livros ao lado de colegas criativos e esforçados é uma experiência única e gratificante.

Por fim, Ana Carolina de Andrade Vieira, trazendo a perspectiva de quem viveu o projeto e agora colabora com o olhar acadêmico, percebe o quanto pôde crescer como ser humano e o quanto sua vida foi transformada durante a construção do projeto. Ter não só a oportunidade, mas também o incentivo, de seguir com um projeto tão importante quanto o “Zine Distópico” levou a estudante a compreender o seu papel no mundo e que percurso quer continuar a seguir, trazendo agora a felicidade de poder cursar Letras – Português e Inglês na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Além disso, atuar no projeto serviu de muitos ensinamentos importantes, pois aprendeu sobre manter a organização e a lidar com diversas pessoas, além dos próprios ensinamentos adquiridos ao produzir textos para os zines, que sempre trazem reflexões importantíssimas para a construção social. No geral, o projeto permitiu que Ana não só iniciasse sua imersão no mundo acadêmico, permitindo a participação em eventos científicos e a escrita de um artigo, mas foi um ponto fundamental para sua formação como ser humano.

O papel formativo desses projetos no desenvolvimento de jovens leitores revela-se, portanto, não apenas no aumento do interesse pela leitura, mas também na ampliação da capacidade crítica e reflexiva dos estudantes. A abordagem das distopias permitiu que os participantes estabelecessem conexões entre a literatura e suas próprias experiências, incentivando debates sobre o presente e o futuro da sociedade. Além disso, o impacto dessas iniciativas estendeu-se para além do ensino médio, influenciando escolhas acadêmicas e trajetórias profissionais. Um exemplo disso são as coautoras deste artigo, que, após participarem dos projetos, ingressaram na graduação em Letras – Inglês, demonstrando como o contato com a literatura pode transformar perspectivas e abrir novos caminhos. Esses resultados evidenciam a relevância de práticas pedagógicas que aliam a leitura a temas significativos para os estudantes, promovendo um ensino de literatura mais significativo e socialmente conectado.

Projetos semelhantes podem ser replicados em outros contextos educacionais, ampliando o acesso à leitura e fortalecendo o ensino de literatura no ensino médio. Ao utilizar distopias como eixo central das atividades, é possível aproximar os estudantes de narrativas que dialogam diretamente com suas inquietações e experiências, tornando a leitura mais significativa e envolvente. Além disso, iniciativas como essas demonstram que a literatura, quando trabalhada de forma crítica e conectada à realidade dos alunos, pode ser uma ferramenta poderosa na formação de leitores autônomos e cidadãos reflexivos. Dessa forma, os relatos apresentados não apenas evidenciam o impacto positivo dessas ações, mas também servem de inspiração para que outros educadores implementem projetos que valorizem a literatura como um espaço de debate, descoberta e transformação - o que esperamos que aconteça cada vez mais.

Referências

BOOKER, M. Keith. *Dystopian literature: A theory and research guide*. Westport, CT: Greenwood Press, 1994.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

DEWEY, John. Meu credo pedagógico, 1897. In: D'ÁVILA, Antônio. *Pedagogia: teoria e prática*, Vol. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1954.

SPINELLI, Luiz. *A jornada do anti-herói no romance distópico contemporâneo ou o Prometeu pós-moderno*. Rio Grande, RS: Yaguarú, 2024.

FREIRE, Paulo.; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

KOPP, 2011. *Comunicação e mídia na literatura distópica de meados do século 20: Zamiatin, Huxley, Orwell, Vonnegut e Bradbury*. Tese (Doutorado em Comunicação Social) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4473/1/433625.pdf>>. Acesso em: 07 dezembro 2024.

SOUZA, R. J.; COSSON, R. *Letramento literário: uma proposta para a sala de aula*. São Paulo: UNESP, 2011. Disponível em:

<<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>.

Acesso em: 25 jan. 2025.

TOKARNIA, Mariana. Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos. *Agência Brasil*, 2020. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>. Acesso em: 25 jan. 2025.

Recebido em: 01/02/2025

Aceito em: 30/05/2025